

Arte e transformação social.

Sueli de Lima

Coordenadora Geral da Casa das Artes

Mangueira / Vila Isabel

Este texto nasce da intenção de compartilhar pensamentos que vêm sendo produzidos pela equipe da Casa das Artes a partir do trabalho que realizamos há seis anos em duas favelas cariocas com arte, cultura e educação. Em meio a tantos projetos sociais que utilizam a arte como ferramentas para transformações sociais atuando hoje no país, é necessário nos perguntarmos sob quais condições a arte é capaz de promover qualidade de vida e, ainda, qual a qualidade da arte que estamos produzindo.

Primeiro é preciso dizer que na Casa das Artes não temos como objetivo formar artistas, mas sim desenvolver pesquisas em arte; o que queremos é nos envolver em processos de criação capazes de nos desafiar e alterar nossas possibilidades no mundo. Acreditamos (e vivenciamos vários exemplos concretos nesse sentido) que através da arte é possível sermos mais felizes e reinventarmos caminhos individuais e sociais. Mas por quê? Como a arte pode colaborar para a construção da justiça social?

Como nossa reflexão nasce de nossa prática, é necessário que se compreenda um pouco do que fazemos. A Casa das Artes estrutura sua ação a partir de três núcleos de trabalho: o de Pesquisas Artísticas, o de Pesquisa da Memória e o de Geração de Renda. As idéias que apresentamos nasceram principalmente dos dois primeiros.

No Núcleo de Pesquisas Artísticas realizamos pesquisas nas linguagens visuais, musical e corporal a partir do confronto entre o interesse identificado na comunidade, a produção contemporânea e a história e os desafios da linguagem

abordada. Nesse processo nos perguntamos constantemente o que pode trazer de diferente ao indivíduo a formação em arte.

A pesquisa em arte é uma experiência com nós mesmos, com o que somos e com o que são os outros. Trata-se de uma prática que estrutura nossa subjetividade, na medida em que se trata de uma experiência que se formula diferentemente por cada um de nós. O que eu crio, só eu crio, não é passível de repetição. O que entendo/percebo/concluo através da observação do trabalho do outro é igualmente individual. Diante da arte, as interpretações são particulares, porque nossas experiências de vida são únicas. É preciso considerar a importância da arte como espaço de construção de subjetividades em um mundo que busca homogeneizar nossas experiências, transformando-nos em simples consumidores de idéias e produtos.

As perspectivas pessimistas em relação ao futuro e o vazio deixado pela crise dos paradigmas nas ciências humanas têm trazido de volta o tema da subjetividade como legítima alternativa para o homem contemporâneo. Se concordarmos que a pesquisa em arte é estruturante de nossa subjetividade, repensar o papel de nossa subjetividade em nossas vidas significa propor a valorização da experiência artística nas origens das concepções de sujeito e conhecimento. Dessa forma poderemos compreender a subjetividade como uma reserva de esperança, em meio à sensação de falta de saída para os impasses sociais que nos desafiam hoje.

A experiência com a arte é algo avesso a classificações, inimiga implacável de todo pensamento dominador fechado a transformações. Trata-se de uma guardiã de possibilidades que não há como pré-determinar. Criar é necessariamente buscar alterar a ordem estabelecida, é buscar um outro real. Aí reside sua potência revolucionária.

O homem não nasce animal e depois adquire cultura. Não! O homem é um animal cultural e desde sempre elaborou e conquistou sua sobrevivência no planeta através de “respostas” que criou diante dos desafios que enfrentou. É preciso que possamos garantir nossa condição como seres criadores, sobretudo numa sociedade que valoriza principalmente nossa capacidade de consumo em detrimento de nossa capacidade de expressão e criação.

No Núcleo de Pesquisa Artística da Casa das Artes, o que realizamos através das pesquisas com artes plásticas, música e dança é ao nosso ver uma reformulação de nossas particularidades. Não no sentido ingênuo de buscarmos simplesmente o reconhecimento de diferentes entre si, o que poderia significar, ao contrário do que se espera, um posicionamento narcisista, individualista e fragmentário. O que afirmamos nas pesquisas com a arte é a experiência de que não há identidade sem diferença, nem diferença sem identidade. O meu *eu* existe porque existe um *outro*.

No campo da pesquisa em arte o encontro de particularidades ou diferenças é sempre enriquecedor para quem cria, porque através do estranhamento do encontro com um *outro* encontramos novos desafios, vocabulários, problemas, enfim, todo o material de que precisamos para estimular nosso raciocínio e nossa produção cultural. No campo da arte, podemos experimentar o *outro* não como adversário, mas como agente de instigação enriquecedora.

Nesse aspecto é importante relacionarmos a pesquisa em arte com as segregações sociais e raciais com que convivemos no Brasil e no mundo. Se ninguém nasce com preconceito, se ele é adquirido pouco a pouco, como já é do conhecimento de todos, preconceito é um problema cultural. Nós educadores que atuamos no campo da educação e cultura precisamos estar atentos para isso. Como já lembrou Roland Barthes, o preconceito nasce do estereótipo, ou seja, daquela mensagem que consumimos mas que não nos traz informação. Em

termos de comunicação podemos dizer que quanto mais redundante for a mensagem mais estereotipada será, e o contrário também vale: quanto mais informativa, diferente, original, estranha, menos o será.

Portanto, um dos caminhos emancipadores para as nossas vidas é o da fomentação de uma de *cultura criadora*. Ela pode nos instrumentalizar para a criação de saídas não estereotipadas para nossos destinos.

Se possuímos inúmeros problemas aparentemente sem soluções hoje no mundo, talvez estejamos precisando inventar novas formas de pensá-los. Não seria a experiência com a arte uma forma de garantirmos a liberdade de pensar, capaz de nos proporcionar saídas para o círculo vicioso que só tem nos trazido desesperança e sofrimento? Nos trabalhos que a Casa das Artes realiza já presenciamos a reinvenção de diversos destinos – diversos jovens descobrindo que são o que inventam para si.

O segundo ponto que gostaríamos de discutir nasce do Núcleo de Pesquisa da Memória, onde através de oficinas de foto, vídeo e criação de texto trabalha-se com a memória e todo o conteúdo imaterial da cultura dos morros onde trabalhamos.

Diante do objetivo de produzir imagens e textos como instrumentos para pensarmos a memória do passado e do que se produz hoje, estamos sempre diante do problema da inter-relação de sujeitos e objetos.

Como desenvolver uma metodologia capaz de respeitar as diferenças culturais e simultaneamente construir um campo de múltiplos atravessamentos onde sujeitos e objetos se criam constantemente?

E ainda: como lidar com a cultura de massa sem preconceito, mas simultaneamente garantindo o debate crítico? Como lidar com a cultura de massa

sem permitir que seus estereótipos estanquem os processos de criação e, conseqüentemente, a produção de subjetividades? Como garantir uma prática que garanta condições de influências mútuas entre as partes envolvidas?

O que fazemos quando geramos livros e vídeos contando a história dos morros cariocas é construção de conhecimento, é produção de saber. O objetivo da educação na qual acreditamos não é somente dar acesso ao saber, mas também produzir saber.

Através das pesquisas que realizamos o morro “muda de cor”, redescobrimos espaços, histórias... Damos movimento às trocas culturais tão necessárias para nos mantermos vivos, abertos ao novo, abertos para nos tornarmos aquilo que ainda não somos mas perseguimos ser.

Talvez inspirados em Paulo Freire, ou talvez na *antropofagia* de Oswald de Andrade, estamos descobrindo no trabalho que realizamos a importância de uma metodologia capaz de fazer da pesquisa em arte um espaço de diálogo, de encontro, de transformação. Estamos interessados nas possibilidades de mútua influência, num espaço no qual nossos contornos culturais possam estar em constante ebulição, inacabado, inquieto. Esta atitude, temos aprendido, nos permite agir como seres *criadores* e não *consumidores*. Para isso não é preciso ser artista ou possuir uma formação em arte, é preciso usar o *método* artístico: ou seja, investigar sem métodos mas questionar tudo. Descobrir sempre, inquietar-se, não render-se.

É importante permitir-se em mutação; nós somos simultaneamente muitos em um e absolutamente singulares. Isso é maravilhoso. E a arte é um excelente espaço para essa experiência humana. Por isso, compreendemos que a arte aliada à educação é fator importante na transformação social.

Acreditamos que cada processo que realizamos exige atenção às diferentes etapas. Para cada um dos projetos que realizamos procuramos desenvolver diferentes estratégias, de forma que possamos garantir que o grupo de pessoas envolvidas sinta de fato que o trabalho lhe pertence. Ou seja, no processo de mútua influência, é preciso transformar processos de criação em processos de escuta, de conversa, de forma que o trabalho possa nascer de um impulso comum.

Desenvolver uma metodologia capaz de valorizar as múltiplas experiências e saberes de todos os envolvidos significa promover o exercício da liberdade e a noção de que a história não é dada, mas sim algo em construção. O que nos interessa é experienciar a história como algo que nos pertence e que somos capazes de alterar.

Utilizando de forma livre, mas não descomprometida, os conhecimentos sistematizados pela sociedade, procurando construir um ambiente de trabalho capaz de manter o conhecimento em constante elaboração, é possível desenvolver um método capaz de dividir entre todos os participantes o *poder* sobre o trabalho. Valorizar a escuta e o diálogo é transformar a criação artística num espaço de encontro, de conversa. Através dessa estratégia, que gostamos de chamar de *arte de escuta*, é possível dar à cultura a dimensão de transformação social que perseguimos e produzir arte de qualidade.

Nota de direitos autorais:

Copyright © 2006 – Sueli de Lima

Os detentores dos direitos autorizam a cópia deste material e sua distribuição para fins não-comerciais, incluindo discussão, pesquisa, crítica e como ajuda para montar grupos de Diálogo, desde que o material não seja alterado e esta nota seja incluída. Todos os outros direitos reservados.